

# DO BURLESCO À SIMULAÇÃO EIS O CAMINHO DE ARLEQUIM

## Arlequim no espaço do poder

NÚBIA MARQUES

Fundação Estadual de Cultura – SE

### CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS (DOUTORADO)

#### Instituto de Letras e Artes

- Lingüística Aplicada
  - Teoria da Literatura
  - \* Recredenciado pelo Parecer nº 639/93 do C.F.E. de 07/10/93
  - \* Conceito CAPES: A
- Informações: ILA- Fone (051) 339.1511 - ramal 3176

Tomar lugar de Rei, quando se sabe, é vestir de palhaço, mas não no termo de pejo, mas no registro sublime do poético – onde quase neutro que se goza (também aqui no senso de verbo gozar). Sobre o picadeiro é o homem que está... a busca do que sou (Lacan).

Tomo como roteiro para chegar ao Arlequim as palavras acima "tentando captar a essência da farsa que tem sido o caminho da *busca do poder*, conflito de muitos, instrumentos de tantos outros e tortura dos que filosofam interpretando a essência dos fatos onde o ser pode *ser ou não ser*. Daí a questão mais desafiadora dos que tentam interpretar o ser na sua ambivalência, cujo espaço mais arriscado são os domínios do poder o que é o chão escorregadio das ações humanas que estão na jornada dos travestidos e farsantes que teimam em dominar as situações (Arlequim servindo a dois amos, ou as duas faces seccionadas entre o riso e a lágrima). Nas situações para identificar o *ser* com o *poder*, este aspecto vamos abordar neste trabalho. A graça, a palhaçada (clown) roteirizando a ação de Arlequim metamorfoseando-se para fisgar o poder e nele se manter, a despeito das flutuações sempre presentes na enfermidade dos fatos. O prestígio buscado a fogo e ferro, ou simplesmente na farsa, no disfarce a depender das situações de emergência a serem enfrentadas pela metafórica figura de Arlequim. Seja esta a personagem de Carlo Goldoni (1707 a 1793) servindo a dois amos, peça do Teatro de Veneza ou a personagem do auto popular do bumba-meu-boi assimilada do arlequino burlesco apalhado. Esta personagem existe no auto popular pernambucano, adaptação esta no século XIX que no auto aparece como moço de recados, o valentão, provocador.

Junto vemos as ambivalências da personagem arlequiana nas suas caminhadas, dentro do espaço do poder; seja o amo-chalaca "puxa-saco", seja a farsa pouco explicitada no comando ritual das ações disputadas de modo extravagante, na mímica ou no muxuxo sentido ingênuo, meio bobo. As expressões de Arlequim são um divisor de águas nos tempos modernos principalmente no palco das ambições para abarcar maior espaço no âmbi-

to do desempenho e da posse na reverberação do poder. Os arlequins da burocracia engolem dia a dia as rédeas manipuladoras do poder, tentando usurpar os competidores do espaço do poder centralizado, a fim de atender às exigências do momento. Daí a natureza das transformações bufas em excelências, como sejam reuniões abstratas, as providências lentas, o comportamento arredio protegido por portas blindadas, secretárias sofisticadas, salas atapetadas. As mentiras constantes dos arlequins-burocratas, sôfregos em manter o poder temporal que é dádiva dos poderosos, pela função dificultadora dos acessos dos que buscam os serviços do poder. O domínio dos espaços políticos hoje formadores de uma mentalidade contingente, onde todas as ações confluem para a busca esganada do poder. Poder dizer não, dizer sim, talvez de não dizer nada, permanecendo um círculo silencioso. A pisada do trapézio das injunções político-sociais que cada dia ficam mais fragilizadas, à medida que uma elite suga o poder para a manutenção da ordem, e do gozo, levando uma legião de homens a tentar furar o cerco, ou entrar no círculo fechado, utilizando os métodos arlequinianos do mundo burocrático que passa a ser o picadeiro de um circo, onde a conspiração, a simulação, o esconjuro, a infâmia, o choro metodizam a ação de manutenção e controle do poder, ou usurpação do mesmo. Falo especificamente da elite burocrática. A grande personagem oitocentista parece tão atual como o é o circo, que desde a antiguidade clássica era local coberto de lona, onde se realizavam espetáculos de acrobacia, palhaçadas até a concepção de que *ser de circo* popularmente conceituado de esperto, muito experimentado, que não se deixa lograr, mas logra todos. O signo de Arlequim atravessou séculos mantendo sua essência. Seja numa arena, seja na palhaçada, no faz de conta, na trama das relações para manter-se no poder, local real da sua vivência, os arlequinianos são grupos, igrejinhas, quadrilhas na contenda do poder, seja ele dinheiro, amor, fluxo de influência, os lobies, os altos escalões da burocracia ou das elites mandatárias, hierarquizando para dominar travestidos carnavalescos no jogo de empurra, ritualizando para dominar. A burocracia tem sido o palco onde os mandarins-arlequins dramatizam manipulando bens e serviços mantidos pela violência branca-da-farsa. As duas faces de Arlequim, a visão bipartida deste personagem no cotidiano jogo de posições de comando, não o enfraquece como aconteceu aos poderosos deuses do Olimpo, porque seccionados, mas a simulação nutre e fortifica cada vez mais as suas ações burlescas mascaradoras dos desejos e ações subréticas, direcionado para a posse do espaço-mando. Na medida em que os domínios do comando podem açambarcar cada vez mais os espaços flutuantes, a personagem atual amplia seus saberes farsantes, em busca do manejo das situações, tendo o picadeiro palco para suas representações do *ser e não ser*, do faz de conta na intimidade mais funda e relacionados com a capacidade de valer-se do poder, tendo a aparência de dois pólos na metáfora do desempe-

nho que poder ser a brincadeira ou a lágrima e pode parecer multicolorida ou negra, onde a acrobacia, a mímica, o subterfúgio figura polêmica do bobo coberto de andrajos a fazer rir as platéias, ou tornando-se penalizadas numa realidade subjacente.

O Arlequim do teatro de Goldoni não é o bobo da corte, mas o homem que servindo a dois senhores, tenta conciliar mantendo uma situação dúbia sustentada por um escapismo alternado, pois assim dominará a situação que pretende perpetuar. A malícia de segurar duas situações e/ou a ambivalência é comportamento próximo dos burocratas Arlequim que transmutando-se, mostram-se solícitos, diante do poder, tentam tirar vantagens locupletam-se das benesses, da disputa individual, sustentando uma situação dúbia, mas que tem endereço certo: *a manutenção do poder que lhe custa apenas a farsa, o pulo do trapézio, as artimanhas*. O moço de recado do auto-popular e o servo astuto do teatro veneziano segura seus privilégios com mão de veludo ou punhal ferino. O objetivo é dominar, comandar, decidir. E não estão livres do seu pulso a arte e a ciência usurpadas ou negligenciadas pelos mandarins que privilegiam empenhos, licitações, finanças ou controle de sua supervisão gulosa e matreira. No cotidiano espaço da burocracia o formalismo racional mais ou menos ampliado ritualiza a "ordem da bicadas" nos vários cargos. Esta ação nem sempre é clara, porque o Arlequim costuma mascarar as suas ações, uma vez que a burocracia acoberta as investidas bufas apesar das categorizações e rótulos, pois o virtual é a dissimulação cujo valor terminal é o domínio.

O comportamento estereotipado não é adaptado às exigências de problemas individuais. O tratamento impessoal dos assuntos que por vezes são de grande significação pessoal para o cidadão origina a acusação de "arrogância" e "violência" do burocrata (Merton, 275). Isto visto de fora o observador não percebe os farrapos de fantasia do seu interlocutor-burocrata *travestido do poder* que é apenas o poder *dizer não*, porque há o esquema de excelência mantendo-o para se auto-proclamar numa exibição de efeito demonstrativo, dentro do emaranhado das relações administrativas, picadeiro de um circo espaço de farsa do poderoso: dos arlequins valentões como no bumba-meu-boi e nebuloso matreiro ou quase serviçal do *mandatário maior*, negociação e barganha na manutenção dos privilégios e dentro do esquema administrativo "a defender seus interesses arraigados em vez de prestar ajuda ao público" (Merton, 277).

Ao lado da irrestrita devoção ao regulamento, às regras, à ordem e à hierarquia produtora da "eficiência", os arlequins do poder blefam todo o tempo – e podem ser encontrados na disputa do poder, na conquista do par amoroso. A fase bipartida bi-colorida está cada vez mais presente na vivência cotidiana, a essência interior do *ser-ou-não-ser*.

Os mandarins da administração estão para o poder público, assim como os blefadores estão para o cotidiano viver. O mandato mantém ao

longo da vida permeando a situação do papel social da presente realidade camuflando sempre para ludibriar os fatos utilizando os símbolos da excelência como elo de uma relação que se dá ora verticalmente (pela valentia), ora no embuste do simulacro, onde vencer é a meta e o mito. A fenda entre a máscara e o seu conteúdo. Este não está apenas no fato-social-político mas também na linguagem, nos trajes, nos gestos do esquema furta-cor às ações do burlesco e às simulações, eis o longo caminho de Arlequim, que apesar de terem uma aparência de cultos, nunca sentaram para estudar com seriedade e afincos seja o que for, apesar de aparentarem-se poderosos, caem ao sopro da mais branda brisa, e apesar de cativantes e liçonjeiros são indiferentes ao ser humano. Arlequim de dourados oropéis está no nostálgico carnaval da vida.